

SC07. Espacialidades: cidade, região e nação

Kyara Maria de Almeida Vieira

(RE) TRATOS DO NORDESTE BRASILEIRO NA REVISTA VEJA

Samuel David de Lima¹

RESUMO

O artigo apresenta uma análise discursiva da abordagem sobre os desdobramentos das secas no Nordeste do Brasil feita pela revista VEJA em reportagens publicadas nas edições 654, 780 e 1545, nos anos 1981, 1983 e 1998, respectivamente. Tomando como subsídio teórico-metodológico alguns preceitos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Michel Foucault apresentamos alguns efeitos de sentido provocados pelas imagens e pela linguagem utilizada na elaboração das matérias com o objetivo de demonstrar como o veículo se torna também responsável pela naturalização de uma condição climática e pela continuidade de discursos que corroboram para a construção e/ou reprodução de estereótipos sobre a região e seus habitantes. Tendo em vista o alcance de público da Veja e, portanto, a influência capaz de exercer sobre o pensamento de seus leitores, chamamos atenção para o fato de que informação não é sinônimo de conhecimento e, sendo assim, nos propomos a problematizar o preconceito e os estereótipos relacionados ao povo e à região presentes no discurso das matérias, apontando como e por onde algumas brasas inflamadas em um determinado momento podem continuar incendiando.

Palavras-chave: Nordeste; discursos; estereótipos.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the discursive approach to the unfolding drought in northeastern Brazil made by SEE magazine articles published in issues 654, 780 and 1545, the years 1981, 1983 and 1998, respectively. Taking as theoretical and methodological grant some precepts of Durval Muniz de Albuquerque Junior and Michel Foucault are some meaning effects caused by the images and the language used in the preparation of materials for the purpose of demonstrating how the vehicle also becomes responsible for the naturalization of a condition climate and continuity of discourses that support for building and / or reproduction of stereotypes about the region and its inhabitants. Given the scope of the public see and therefore able to exert influence on the thinking of his readers, we call attention to the fact that information is not synonymous with knowledge and, therefore, we propose to discuss prejudice and stereotypes related to the people and the region present in the discourse of the subjects, indicating how and where some flaming embers in a given moment can continue firing.

Keywords: Northeast; speeches; stereotypes.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri- URCA

INTRODUÇÃO

Entre os anos 1981 e 1998, parte dos habitantes do Nordeste brasileiro, principalmente aqueles que moravam em cidades interioranas, sofriam as consequências de grandes períodos de estiagem que assolaram a região, bem como, por causa da ausência de melhores políticas administrativas.

Os efeitos das secas eram arrasadores e chamavam atenção pelo cenário de miséria, fome e aparente abandono político de inúmeras famílias do sertão nordestino. A situação já era compreendida como uma calamidade pública diante de tantos problemas que se desencadeavam em parte por causa da seca e também pela falta de políticas públicas mais eficazes para combatê-los. A seca no Nordeste era notícia constante no país; os meios de comunicação traziam à cena pública o resultado de anos de descaso das autoridades públicas, em reportagens e matérias que denunciavam a desgraça vivenciada por parte da população nordestina.

Dentre tantos veículos de comunicação encontrava-se a revista VEJA da editora ABRIL, cujo início de sua publicação deu-se em 08 de setembro de 1968 e possui, atualmente dentro do mercado editorial de revistas, um dos maiores índices de circulação no Brasil, declarando realizar um jornalismo neutro, objetivo, investigativo e esclarecedor.

Diante do alcance de público da VEJA e, portanto, sua posição de destaque no mercado da comunicação, acreditamos que há muito esta vem exercendo influência no pensamento de seu público alvo. Ademais, cabe acrescentar a abrangência de aceitação entre seus leitores e o impacto da revista na formação de opinião.

Uma vez que reconhecemos o valor da diversidade política, étnica, religiosa e cultural e o abandono da ideia de naturalização como aspectos irrelevantes para a escrita da História acreditamos na legitimidade de trabalhos que ajudam o ser humano a refletir sobre seu lugar e seu papel na sociedade. Esta é, portanto, uma reflexão sobre a imagem que o discurso da VEJA emite sobre o Nordeste, amparada teórica e metodologicamente nas obras de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Michel Foucault. Assim, reconhecemos a relevância de um estudo que tome como objeto o seu conteúdo, mais especificamente os discursos por ela veiculados.

Desta forma o presente trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa que intenciona analisar o conteúdo elaborado em reportagens² publicadas por esta revista nos anos 1981, 1983 e 1998 em que a mesma dedicou reportagens de capa sobre problemas decorrentes da seca.

BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA ARGUMENTAÇÃO

Sabendo que as especificidades regionais do Brasil são bastante acentuadas e em decorrência delas alguns elementos são por vezes estigmatizados dando margem à estereótipos que se materializam em forma de preconceitos, destacamos nesta análise dos discursos produzidos nas matérias da VEJA alguns exemplos de “uma postura negadora da história, da mudança” (DURVAL: 2010).

A edição nº 654 de 1981 estampava um número significativo de pessoas portando em suas mãos estendidas para o alto, sacolas vazias, com a seguinte chamada: *Flagelados em Mombaça, Ceará- A seca do século*; a edição nº 780 de 1983 apresentava a foto de uma família ao lado de uma jumenta, sentados em meio à vegetação de caatinga, com uma descrição da situação vivenciada pela família acompanhada dos seguintes dizeres: *A agonia do Nordeste* e a edição nº 1545 de 1998 trazia a foto de uma criança segurando um prato de comida com arroz e feijão, com a chamada: *A fome no Nordeste- Ainda bem que eu não tenho de comer calango*; na edição, um número significativo de pessoas portando, em suas mãos estendidas para o alto, sacolas vazias, com a seguinte chamada: *Flagelados em Mombaça, Ceará- A seca do século*³;

Considerando que a linguagem não é apenas uma forma de enunciar os dados e, portanto, produz efeitos de sentido entre seus interlocutores, nosso objetivo é demonstrar como o discurso formulado por VEJA corrobora para a construção e/ou reprodução de uma representação do Nordeste brasileiro em que percebemos a naturalização de um fenômeno climático e também de uma dada condição econômica como se fosse uma marca registrada das pessoas e do lugar, ou seja, a seca e a miséria. De maneira que se ultrapassarmos a aparente transparência da linguagem percebemos um discurso implícito, no entanto suficientemente capaz de construir ou apoiar estereótipos.

² As reportagens completas estão no Acervo Digital VEJA disponível no endereço: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>

³ Capa da edição 654, publicada em 1981.

De acordo com Durval Muniz é preciso renunciar a ideia de “tradição, identidade, cultura regional e nacional, desenvolvimento, subdesenvolvimento, evolução” quando estes representam uma continuidade histórica irrefletida. Esta concepção legitima o esquadrinhar desse assunto uma vez que visões etnocêntricas e, principalmente, notícias transmitidas em formato de conhecimento histórico podem implicar diretamente na apropriação de saberes que devem ser combatidos e evitados numa sociedade. Para o autor a mídia de modo geral olha para o Nordeste perseguindo os mesmos horizontes clichês, ou seja, é como se fosse uma fonte inesgotável e utilizável a qualquer momento em que o interesse seja falar de lugar e de povo vitimizado pelo atraso cultural e econômico, marcados pelo fanatismo religioso, pela violência, injustiça social, o espaço mais viável para falar da fome e da pobreza do país.

Os discursos têm o poder de provocar efeitos de sentido, de influenciar a formulação de um pensamento, de legitimar uma ideia quando em si mesmos já não trazem uma significação explícita. Como aponta Sandra Jatahy Pesavento o leitor pode criar sua própria história uma vez que é capaz de realizar “associações intertextuais insuspeitadas por quem produziu e enunciou” um determinado discurso.

Michel Foucault menciona o “agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. O autor ensina que o texto principal ou primeiro texto e os comentários ou segundo texto mantém ainda que em proporções desiguais uma relação solidária, pela qual, independente da técnica utilizada, o texto segundo irá dizer aquilo que está dito implicitamente no texto primeiro, ou seja, ambos são articulados para alcançar o mesmo propósito.

Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado (FOUCAULT, 1970:25-26).

De fato constatamos que os títulos e os comentários no decorrer das matérias compõem uma ideia. Mas percebemos também que as matérias seguem um padrão pelo qual se percebe uma reprodução exacerbada de representações construídas historicamente sobre o homem, a mulher, a criança, a fome, a miséria, a religiosidade e a sociedade do Nordeste.

NAS ENTRELINHAS DO DISCURSO

Nas três edições observadas aparece repetidamente a projeção de famílias, não qualquer modelo de família que possa existir nas regiões visitadas, mas especialmente aquelas constituídas por um número significativo de filhos, crianças vulneráveis aos efeitos da miserabilidade de suas condições de vida. Todos posicionados em frente, possivelmente, ao casebre onde moram ou encenando, tal como a imagem de uma senhora segurando um pedaço de carne ou a de um menino preparando uma armadilha para tentar capturar “preá” a fim de consumi-lo por falta de alternativas.

Não obstante à denúncia que a revista faz do descaso político com a situação dessas pessoas, ressaltamos o fato de que nas três edições as capas são estampadas por pessoas do Estado do Ceará, talvez, um horizonte que a revista possuía antes mesmo de construir sua matéria. Um leitor assíduo e atento às publicações da revista poderia diante disso adotar um conceito sobre o Estado, já que mesmo a seca prejudicando um enorme espaço territorial (por sinal definido pela revista como o espaço onde estão os famintos), que não se restringia apenas ao Ceará, foram pessoas deste que viraram capa, ambas destacando a ideia da fome, de lugar seco e subdesenvolvido.

Embora o tempo e os lugares sejam diferentes o discurso e as fotografias das matérias são semelhantes e sempre permeados por comentários estruturantes que reproduzem um único perfil de sociedade.

Tal constatação nos faz presumir que a revista formatou estas matérias amparando-se num projeto iconográfico semelhante às reconhecidas retratações de Cândido Portinari, ou como ela mesma assimila, na matéria da edição 780 do ano 1983, à obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, nas quais o texto e as fotografias evidenciam situações de miséria enfrentada por uma numerosa família de aparência esquelética e sofrida, como sendo o perfil representativo da região.

Vale destacar que no discurso da revista estão presentes elementos que podem gerar uma compreensão distorcida sobre a história do Nordeste, uma vez que articula informações em forma de conhecimento histórico:

(...) Os nordestinos têm rezado muito nesses três anos, desconfiados de que sem ajuda dos céus poderão sucumbir à 72ª seca que castiga o nordeste desde o descobrimento do Brasil. (VEJA, 18 DE MARÇO, ed.1981. p.44).

Uma informação como esta ignora a espacialidade e a temporalidade existentes no processo de formação do Brasil, denotando uma identidade histórica para a região, induzindo seus leitores a acreditar em um Nordeste e uma seca historicamente naturalizados. A leitura pode gerar a interpretação de que desde o descobrimento do Brasil existiu o nordeste seco. Podemos entender esta fala como “uma escrita da história monumentalizada, na qual perdura a ideia de um conteúdo de verdade sempre possível de ser identificado” (MENESES, 2010:78).

Segundo Albuquerque Júnior, abordagens que considerem a região como um recorte sempre existente e possível, desde o processo de colonização, bem como, as que apontam o regionalismo como invenções recentes devem ser questionadas:

(...) Antes que a unidade significativa chamada Nordeste se constituísse perante nossos olhos, foi necessário que inúmeras práticas e discursos “nordestinizadores” aflorassem de forma dispersa e fossem agrupados posteriormente. (...) A origem do Nordeste, portanto, longe de ser um processo linear e ascendente, em que a “identidade está desde o início assegurado e preservado”, é um começo histórico no qual se encontra a discórdia entre as práticas e os discursos; é um disparate. Essa figuração de uma origem linear e pacífica para Nordeste se faz preciso para negar que ele é algo que se inventa no presente. Visa negá-lo como objeto político-cultural, colocando-o como objeto “natural”, “neutro” ou “histórico” desde sempre. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011:79-80).

Em outro ponto da reportagem desta mesma edição o discurso é perpassado de expressões veemente pejorativas ao falar dos habitantes do Nordeste:

(...) até a semana passada, 39 cidades de quatro Estados haviam sido invadidas por flagelados famintos, algumas mais de uma vez (...) a senha para o ataque, num forte sotaque nordestino, foi ouvida em toda a praça da matriz de Mombaça (...) (VEJA 18 de Março, 1981:46).

Para Pesavento (2001:71) “a postura metafórica do texto, é a que melhor concentra a ideia de que uma escrita comporta mensagens e significados”. A forma linguística empregada para fazer referência aos sujeitos da ação - “flagelados famintos”- enquadrou- os numa categoria, denotando uma condição de ser e não de estar. O discurso constituiu- se por meio de uma expressividade que ao mesmo tempo inferiorizou e desqualificou os mesmos.

Esta fala veiculada em massa, para outros grupos da sociedade brasileira que desconhecem as causas que provocaram essa situação poderia gerar, dentre tantas possibilidades, uma aversão aos nordestinos e ao Nordeste, ou seja, o efeito de sentido

produzido aponta diretamente para uma marginalização socioeconômica do povo a quem se refere.

Uma pergunta que não quis calar foi: Qual fora a relevância para esta reportagem frisar “o forte sotaque nordestino?”. Forte em relação ao que? Supomos que aos outros sotaques. O que garantiu ao jornalista que “cobriu” a matéria afirmar que o grito era de fato de um nordestino se, comumente, as pessoas perdem ou adquirem novos sotaques? Qual é a região do país que não possui inúmeros sotaques dentro de suas próprias dimensões territoriais? O sotaque é uma janela aberta por onde é possível visualizar o etnocentrismo, uma vez que, até mesmo ele é utilizado como ferramenta discriminatória das relações interpessoais.

Assumir a nordestinidade é assumir estas várias representações excludentes, sobre este espaço e este povo. É emitir um discurso preso à lógica da submissão; é ocupar o lugar que esperam para nossa voz e para nosso olhar: voz para pedir, suplicar, denunciar; olhar para, banhado de lágrimas, comover a quem se dirige. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011: 352)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como e onde os estereótipos são construídos ou afirmados é um exercício que demanda bastante atenção uma vez que nós mesmos somos passíveis de disseminá-los cotidianamente em nossas falas ou ações e também pelo fato de que é preciso cautela para não emitir um discurso com o *status* de verdade absoluta que finda sendo tendencioso. O que não devemos é adotar uma postura pacífica diante de vozes que ressoam como se fossem nossas, reproduzindo velhos discursos que não representam a todos.

Percebemos que é possível problematizar o trabalho da revista, uma vez que ela se autodenomina representante de um jornalismo neutro e objetivo mas em linhas gerais não faz aquilo a que se propõe. A análise das falas, bem como das imagens que dão suporte ao discurso e, por vezes, também emitem um discurso é um objeto relevante para elucidar a influência dos meios de comunicação na formação do pensamento coletivo. Esperamos que este trabalho seja capaz de instigar o hábito de refletir criticamente sobre os acontecimentos, sobre o que falamos e como falamos e sobre aquilo que tomamos como conhecimento. Para que isto ocorra é preciso estar atento à linguagem e mais do que isto às mensagens nas entrelinhas.

FONTES

CAMPOS, Cíntia; PESSOA, Ana; EDWARD, José; DE MARI, Juliana; BALTHAZAR, Ricardo; GENTILE, Rogério; BRASIL, Sandra; NETTO, Vladimir. VEJA Nº1545. A fome do Nordeste. , ABRIL: 1998.

VEJA Nº 780. A agonia do Nordeste. ABRIL: 1983

CORREA, Marcos Sá. VEJA Nº 654. A seca do século. ABRIL: 1983

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. 8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. Capturado da Internet em 09/11/2013 no endereço: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>

BRAGA, Sandro; PEREIRA, Tiago Costa. **Quando a história cala e o exótico fala**: Efeitos de sentido da cobertura da revista Veja na pré-candidatura de Obama à presidência dos EUA. Capturado da Internet em 24/ 07/ 2014 no endereço: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n1/a09v11n1>

com o objetivo de demonstrar que na prática a revista não faz somente aquilo que autodeclara fazer

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula Inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 1999.

MOURA, Ranielle Leal. **História das Revistas Brasileiras** – informação e entretenimento. Capturado da Internet em 07/02/2014 no endereço: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento.pdf/view)

[1/artigos/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento.pdf/view](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento.pdf/view)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Vol. 05 de História & reflexões. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Palavras para crer** - imaginários de sentido que falam do passado. Capturado da Internet em 07/02/2014 no endereço: [http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/MESAS-](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/MESAS-REDONDAS/SandraJatahy.pdf)

[REDONDAS/SandraJatahy.pdf](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/MESAS-REDONDAS/SandraJatahy.pdf)

QUEIRÓZ BAPTISTA, Íria Catarina; KRAEMER ABREUY, Karen Cristina. **A história das revistas no Brasil**: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Capturado da internet em 09/02/2014 no endereço: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica**: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação- A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964. Niterói: 2011.